



Jornal Brasileiro

Auditoria em Saúde

RELATÓRIO DE CONCLUSÃO DA PESQUISA

PERFIL E PERCEPÇÃO DOS MÉDICOS AUDITORES EM RELAÇÃO ÀS ÁREAS DE ACESSO

Direitos Reservados

Este relatório é de propriedade intelectual do Jornal Brasileiro de Auditoria em Saúde. É vedada a reprodução total ou parcial, distribuição, armazenamento em meio eletrônico, ou qualquer forma de divulgação sem a prévia e expressa autorização por escrito dos detentores dos direitos. O uso não autorizado poderá sujeitar o infrator às penalidades previstas na legislação vigente sobre direitos autorais e propriedade intelectual.

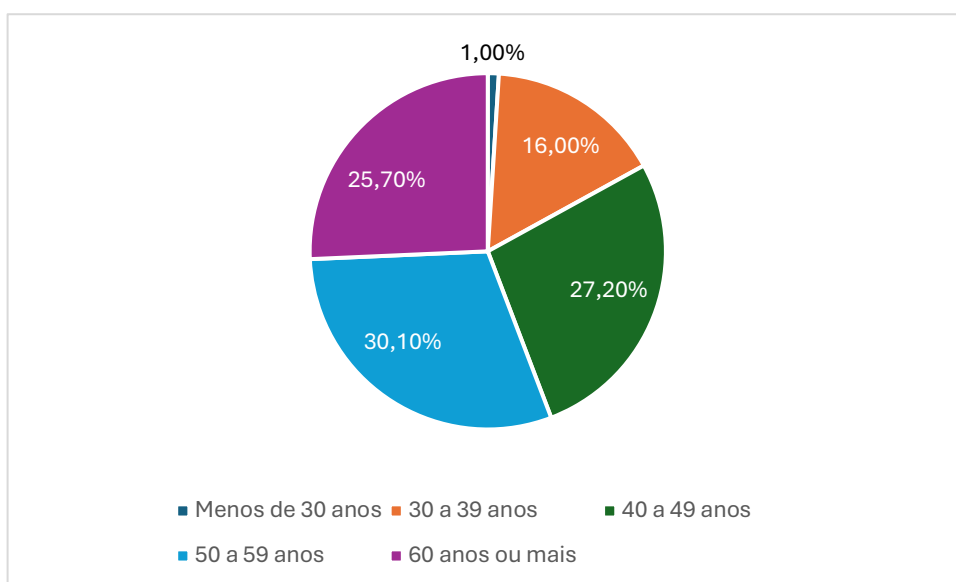
1. Introdução

A pesquisa realizada em setembro de 2025, durante o IV Congresso da Sociedade Brasileira de Auditoria Médica (SBAM) e nas duas semanas que sucederam o evento, teve como objetivo compreender o perfil dos médicos auditores brasileiros e suas percepções sobre a atuação das áreas de acesso da indústria farmacêutica, sobretudo no que diz respeito à discussão de tecnologias em saúde. Participaram do estudo 206 profissionais, sendo a maioria deles filiados à SBAM (83,6%). O questionário foi estruturado em três blocos principais: caracterização sociodemográfica e acadêmica dos auditores, relacionamento com as áreas de acesso, e expectativas em relação a esse vínculo.

2. Perfil Sociodemográfico e Acadêmico

O perfil dos participantes revelou um grupo predominantemente maduro e experiente. Mais da metade tinha entre 40 e 59 anos, com distribuição relativamente equilibrada entre os que se encontravam na faixa de 40 a 49 anos (27,2%) e os de 50 a 59 anos (30,1%). Um quarto dos entrevistados possuía 60 anos ou mais, demonstrando a presença significativa de profissionais em estágios avançados da carreira, enquanto apenas 1% tinha menos de 30 anos. Esse recorte etário reforça a percepção de que a auditoria médica é exercida, em sua maioria, por profissionais com trajetória consolidada e larga experiência clínica.

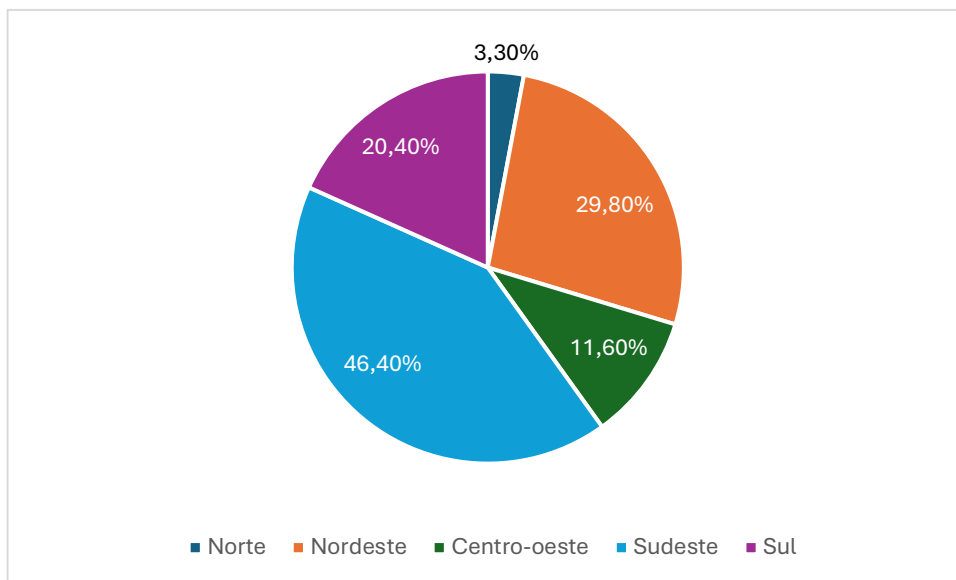
Gráfico 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa, por faixa etária



A imensa maioria dos auditores atua em apenas uma unidade federativa (87,9%), revelando que a função de auditoria tende a ter caráter mais regionalizado. Quanto à distribuição geográfica desses, quase metade atua no Sudeste (46,4%), seguido por percentuais relevantes no Nordeste (29,8%) e no Sul (20,40%). A presença no

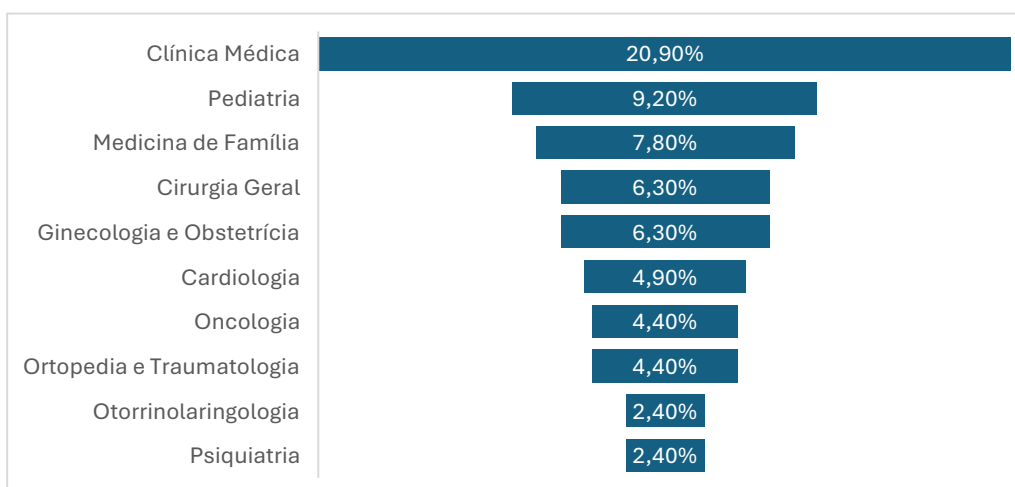
Norte e Centro-Oeste foi menor, com 3,3% e 11,6% respectivamente, o que indica uma concentração de profissionais nas regiões mais populosas e de maior densidade de serviços de saúde.

Gráfico 2 – Distribuição dos participantes da pesquisa, por região que atua



No campo acadêmico, a diversidade de especialidades médicas é ampla, mas a Clínica Médica se destacou como a mais prevalente, reunindo 20,9% dos participantes. Outras áreas de formação relevantes foram Pediatria (9,2%), Medicina de Família (7,8%), Cirurgia Geral e Ginecologia/Obstetrícia (6,3% cada). Especialidades ligadas diretamente a doenças de alta complexidade e custos, como Oncologia e Cardiologia, também estiveram presentes (4,4% e 4,9%, respectivamente).

Gráfico 3 – Top 10 das especialidades dos participantes da pesquisa



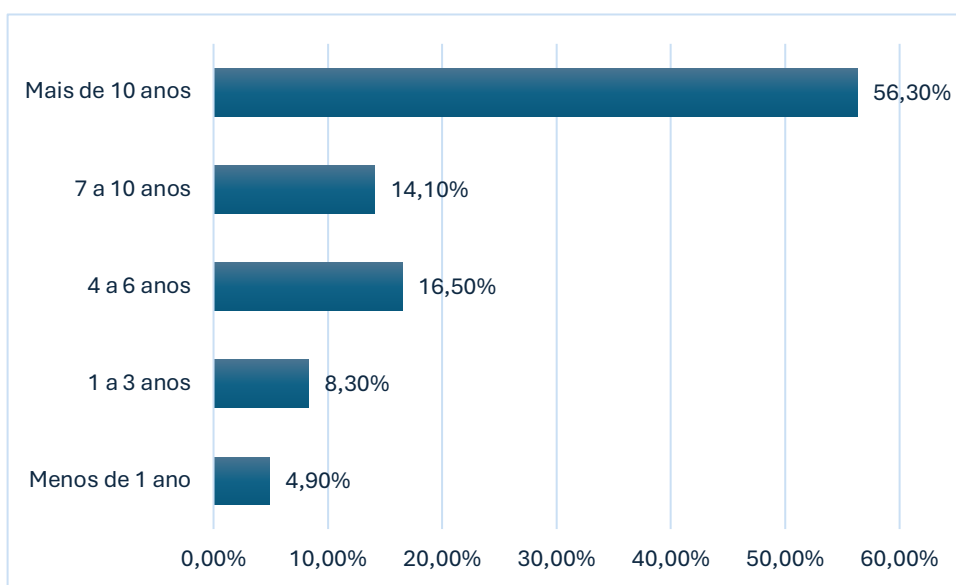
Obs.: demais áreas de atuação, 31,10%

No total, 77,7% dos auditores declararam possuir registro de especialista (RQE), o que reforça a característica de alta qualificação do grupo, enquanto 74,8% afirmaram ter pós-graduação lato sensu e 7,8% pós-graduação stricto sensu. Quando feito um recorte entre auditores filiados à SBAM, o RQE foi informado por 81,00%, contra 57,6% entre não-filiados.

Apenas uma minoria (2,9%) do total de pesquisados tinha experiência prévia em áreas relacionadas à indústria farmacêutica ou farmacoeconomia.

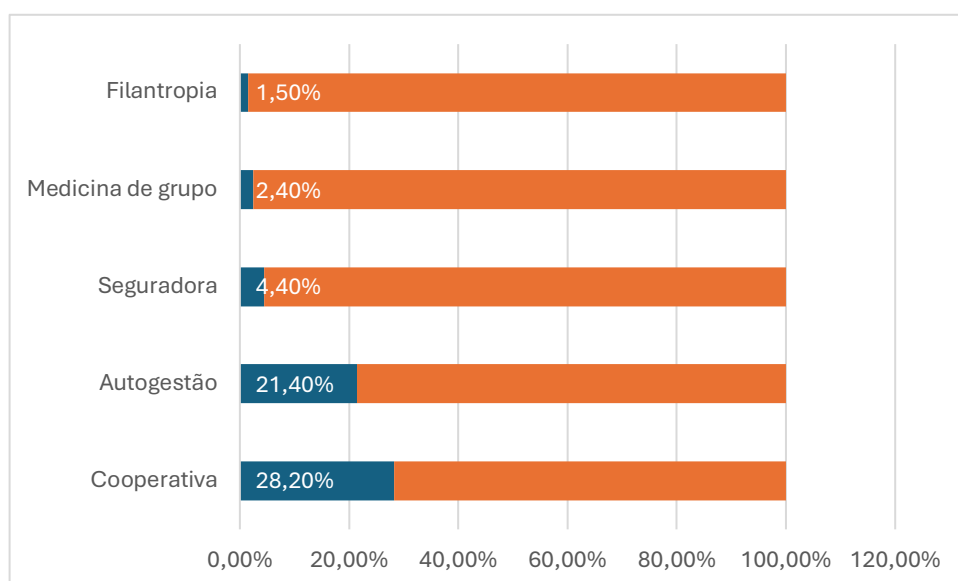
A experiência acumulada em auditoria médica também se mostrou marcante: 56,3% dos participantes atuam há mais de 10 anos na área, o que confirma a senioridade e o conhecimento técnico desses profissionais.

Gráfico 4 – Tempo de experiência em auditoria informado pelos participantes



A maior parte possui apenas um vínculo profissional relacionado à auditoria (76,7%), enquanto o restante atua em dois ou mais vínculos. Os principais segmentos de atuação foram cooperativas (28,2%) e autogestões (21,4%), seguidos por seguradoras (4,4%) e medicina de grupo (2,4%). Uma parcela significativa também relatou vínculo com empresas de auditoria (20,4%), órgãos públicos (18,4%) e hospitais (14,6%), o que demonstra a diversidade de ambientes em que a auditoria é exercida.

Gráfico 5 – Segmentos da saúde suplementar de atuação dos auditores



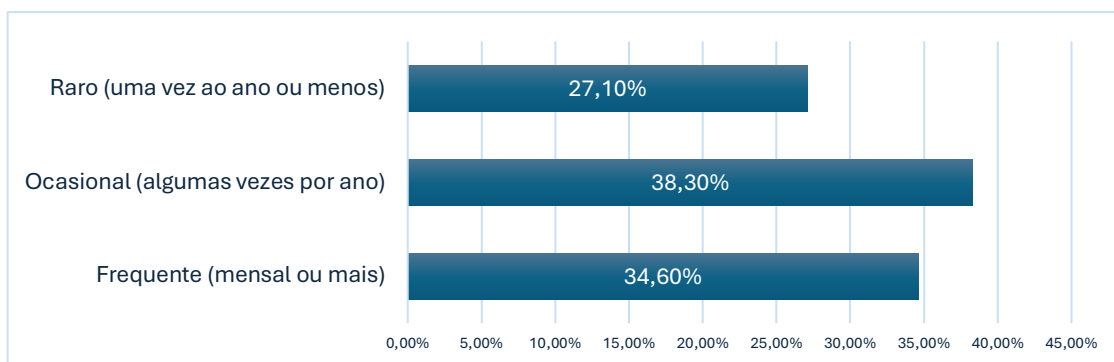
Obs.: os percentuais refletem a situação de cada modalidade. Um mesmo auditor pode atuar em mais de um dos segmentos.

As modalidades de auditoria mais frequentes incluíram regulação de alto custo (47,6%) e análise de contas hospitalares (47,1%), seguidas por auditorias pós-evento (44,2%) e concorrente (40,3%). Esse dado é revelador: grande parte dos auditores lida diretamente com a avaliação de tecnologias médicas e terapias de alto custo, área em que a interlocução com a indústria farmacêutica é mais intensa. O trabalho de pré-autorização (33,5%) e de análise de recursos de glosas (25,2%) foi observado em menores proporções. Aqui também cabe ressaltar que é comum o auditor trabalhar em mais de uma dessas atividades, como observado.

3. Relacionamento com as áreas de acesso

No que se refere à relação com as áreas de acesso, 65% dos auditores relataram já ter tido contato direto com representantes da indústria farmacêutica. Entre eles, 34,6% afirmaram que esses contatos são frequentes (mensais ou mais), 38,3% indicaram que ocorrem ocasionalmente (algumas vezes ao ano), e 27,1% relataram que são raros (uma vez ao ano ou menos).

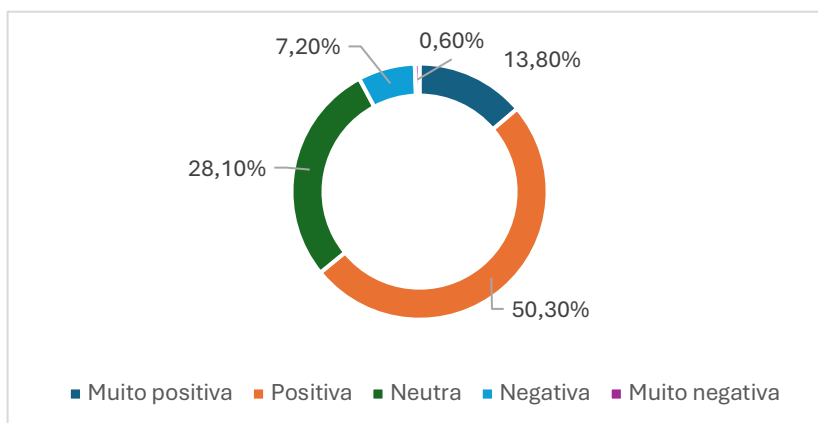
Gráfico 6 – Frequência de contato das áreas de acesso com os auditores



As interações mais comuns com as áreas de acesso da indústria envolveram educação médica continuada (67,2%), compartilhamento de estudos clínicos (59,7%) e apresentação de dados de farmacoeconomia (50%). Discussões sobre dossiês de incorporação (30,6%) e sobre precificação (27,6%) foram menos citadas, evidenciando que os auditores valorizam mais o conteúdo científico e técnico do que aspectos comerciais ou de negociação de preços. Isso confirma a relevância da “cultura de evidências” no relacionamento entre auditores e indústria.

A avaliação por parte dos pesquisados sobre a atuação das áreas de acesso foi predominantemente positiva: metade dos participantes a considerou “positiva” e 13,8% “muito positiva”, enquanto 28,1% se mostraram neutros e apenas 7,8% atribuíram avaliação negativa ou muito negativa.

Gráfico 7 – Avaliação das áreas de acesso, segundo opinião dos auditores



Os pesquisados tiveram a oportunidade também de opinar sobre como enxerga o papel da área de acesso da indústria farmacêutica. As respostas dos gestores revelam uma diversidade de percepções em torno do papel da área de acesso, que se distribuem entre expectativas de contribuição positiva para o sistema de saúde, críticas ao modo como a área atua, e declarações de desconhecimento ou distanciamento em relação ao tema. Dividimos os resultados em tópicos:

1. Fornecimento de informação e atualização científica

Um dos pontos mais recorrentes foi a percepção de que a área de acesso deve disponibilizar informações qualificadas, transparentes e atualizadas sobre medicamentos, tecnologias e evidências científicas. Muitos gestores enxergam valor no fornecimento de dados de eficácia, segurança, farmacoeconomia e estudos clínicos que embasem a tomada de decisão. Também aparece com frequência o papel de promover educação médica continuada e atualização de profissionais, seja por meio de debates, eventos científicos ou materiais técnicos.

2. Facilitar a incorporação e o acesso às tecnologias

Outro aspecto central identificado é a expectativa de que a área de acesso atue como facilitadora do processo de incorporação de novas tecnologias, apoiando auditorias médicas, operadoras de saúde e prestadores. Há menções à necessidade de garantir que os pacientes tenham acesso rápido e sustentável aos tratamentos, com equilíbrio entre inovação e viabilidade econômica. Nesse sentido, surgem referências à importância da farmacoeconomia e da busca por soluções que considerem custo-efetividade e sustentabilidade do sistema.

3. Relacionamento e parceria com stakeholders

Os gestores também mencionaram a área de acesso como um espaço de cooperação e interface entre indústria, operadoras, médicos auditores e rede credenciada. A atuação é vista como importante para criar laços, promover diálogo e apoiar a negociação entre as partes. A ideia de parceria ética e transparente foi destacada por alguns respondentes.

4. Críticas e percepções negativas

Apesar das contribuições positivas apontadas, algumas respostas expressaram descrédito ou críticas. Entre elas, a percepção de que muitas vezes são apresentados estudos frágeis ou descolados da realidade brasileira, uma ênfase excessiva em propaganda, tentativas de pressionar prescritores, ou foco apenas em viabilizar vendas. Também surgiram descrições como “descolamento da realidade” e “aumentar o custo”, revelando desconfiança em relação às intenções da indústria.

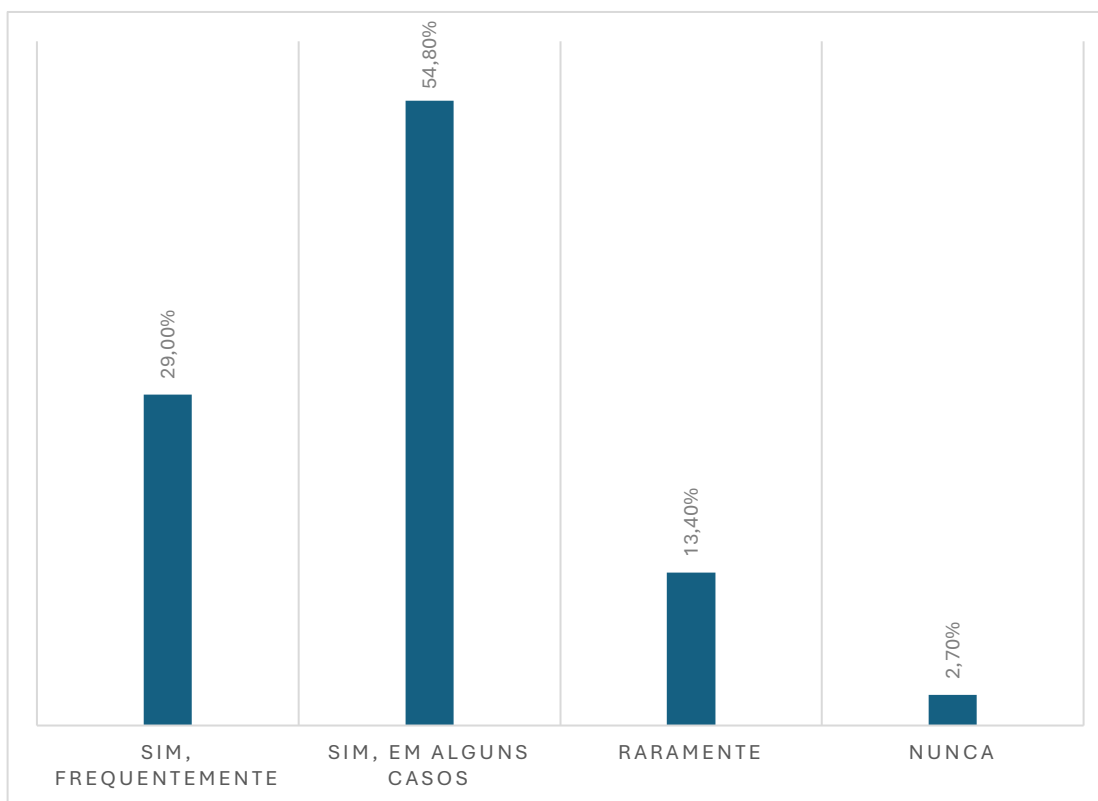
5. Desconhecimento ou falta de clareza

Um volume considerável de respostas indicou desconhecimento sobre o que faz a área de acesso. Vários gestores declararam “não sei opinar”, “não tenho contato”, “não sei informar” ou “nem sei o que é área de acesso”. Esse dado reforça que o conceito ainda não está plenamente difundido e compreendido na saúde suplementar.

Em função das respostas, de forma geral, os gestores reconhecem que a área de acesso pode desempenhar um papel relevante na ampliação do acesso dos pacientes a medicamentos inovadores, oferecendo informação qualificada, suporte técnico e diálogo com os diferentes atores do sistema de saúde. Entretanto, coexistem críticas ligadas a vieses comerciais, fragilidade de evidências apresentadas e risco de aumento de custos, além de uma parcela significativa de profissionais que ainda não compreende claramente essa função.

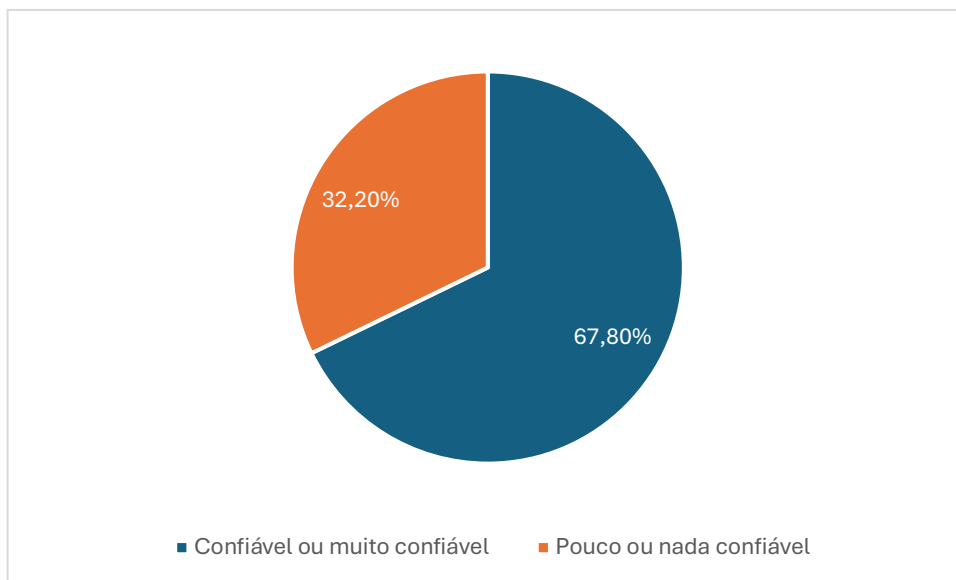
Continuando a pesquisa, os auditores foram questionados sobre a utilidade das informações fornecidas pela indústria para o trabalho de auditoria, sendo que 29% responderam que elas frequentemente auxiliam, e 54,8% reconheceram que, em alguns casos, são úteis. Apenas 16,1% consideraram que raramente ou nunca são relevantes.

Gráfico 8 – Avaliação positiva da utilidade das informações fornecidas pelo acesso



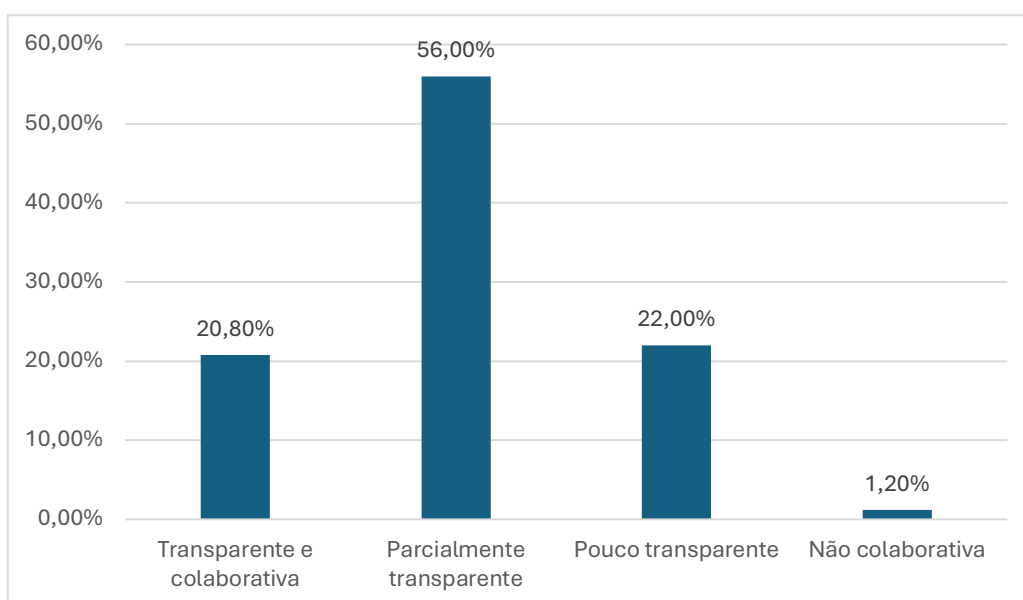
Quanto ao grau de confiança nessas informações, 67,8% disseram considerá-las confiáveis ou muito confiáveis, embora quase um terço (32,2%) tenha manifestado algum nível de desconfiança.

Gráfico 9 – Confiabilidade das informações fornecidas pelo acesso



Essa divisão fica ainda mais evidente na percepção sobre transparência: 20,8% dos participantes classificaram a atuação da área de acesso como “transparente e colaborativa”, enquanto a maioria (56%) a considerou “parcialmente transparente” e 22% a avaliaram como pouco transparente.

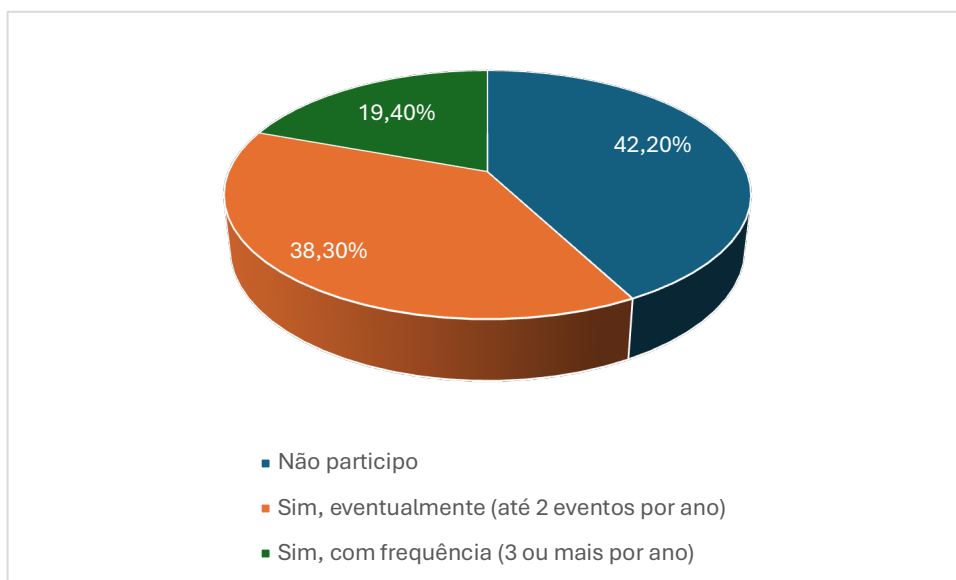
Gráfico 10 – Transparência das informações fornecidas pelo acesso



4. Expectativas em relação às áreas de acesso

No último bloco, inicialmente exploramos sobre a participação dos auditores em eventos e treinamentos promovidos pela indústria. Mais de 40% dos auditores afirmaram nunca participar, enquanto 38,3% disseram frequentar até dois eventos por ano e 19,4% relataram presença em três ou mais anualmente.

Gráfico 11 – Avaliação positiva da utilidade das informações fornecidas pelo acesso



Entre aqueles que não participam, 63,2% disseram que estariam dispostos a comparecer caso fossem convidados, e apenas 8% declararam rejeição definitiva a essa possibilidade. Esse dado sugere uma oportunidade significativa de aproximação entre as áreas de acesso e os auditores, desde que as iniciativas sejam percebidas como educativas, baseadas em evidências e conduzidas de forma imparcial.

Na última pergunta da pesquisa, convidamos os participantes a sugerir o que poderia melhorar na atuação das áreas de acesso no relacionamento com os médicos auditores. Identificamos nas respostas livres os seguintes eixos:

1. Transparência e Confiabilidade

- Solicitação recorrente por informações claras, transparentes, confiáveis e imparciais.
- Necessidade de separar o papel da área de acesso de tratativas comerciais/força de vendas.
- Evitar viés mercantilista e conflitos de interesse.

2. Educação Continuada e Atualização Técnica

- Forte demanda por educação médica continuada, treinamentos e cursos frequentes.
- Sugestões de maior oferta de eventos científicos, workshops, boards de discussão e atualização regulatória (ex.: ANS, CONITEC, DUTs).
- Apoio na capacitação de auditores e disseminação de conhecimento técnico atualizado.

3. Evidências Científicas e Dados de Valor

- Relevância da medicina baseada em evidências (MBE).
- Solicitação de dossiês estruturados, com evidências clínicas e farmacoeconômicas, desfechos clínicos e econômicos.
- Interesse em estudos de vida real (preferencialmente no Brasil).
- Pedidos de indicadores, ferramentas de análise e relatórios objetivos para apoiar decisões.

4. Interação e Proximidade

- Expectativa de maior contato e interatividade com as áreas de acesso.
- Comunicação mais técnica, objetiva e constante.
- Aproximação não apenas com auditores, mas também com sociedades médicas e outros atores do sistema.

5. Parcerias e Compartilhamento de Responsabilidades

- Sugerida parceria real com divisão de responsabilidades e custos.
- Envolvimento em pré-lançamentos de medicamentos.
- Proposta de unificação da atuação para alinhar práticas no mercado.

6. Críticas e Lacunas

- Alguns gestores declararam “não sei” ou “nada” a melhorar, indicando desconhecimento ou desengajamento.
- Percepção de que, em alguns casos, há falhas de retorno a questionamentos e pareceres.
- Visão de que ainda falta confiabilidade plena para que a área de acesso seja vista como parceira e não como comercial.

5. Conclusões e considerações finais

O levantamento inédito realizado com médicos auditores de todo o Brasil revelou um grupo altamente qualificado, experiente e com atuação predominante em cenários complexos da saúde suplementar, especialmente na regulação de terapias de alto custo. A amostra é formada majoritariamente por profissionais maduros, com larga experiência clínica e acadêmica, reforçando o peso técnico que exercem nas decisões relacionadas à incorporação de tecnologias.

As percepções sobre a atuação das áreas de acesso da indústria farmacêutica foram, em sua maioria, positivas, especialmente quando associadas ao fornecimento de informações científicas, atualizações técnicas e apoio à educação médica continuada. Entretanto, coexistem críticas relacionadas à falta de clareza de papéis, à percepção de viés mercantilista e à insuficiência de evidências adaptadas ao contexto nacional. Uma parcela expressiva ainda demonstra desconhecimento sobre a real função dessas áreas, indicando necessidade de comunicação mais estruturada e assertiva.

No campo da confiança e transparência, observa-se um equilíbrio delicado: embora a maioria dos auditores considere as informações fornecidas como confiáveis, muitos ainda percebem parcialidade na forma como são apresentadas. Essa ambivalência evidencia que a relação está em construção e que há espaço para fortalecimento do vínculo, desde que baseado em ética, imparcialidade e consistência científica.

Por fim, o estudo evidencia que os médicos auditores enxergam valor em uma atuação das áreas de acesso mais voltada para a colaboração, transparência e apoio técnico. Há também um espaço relevante para expansão de iniciativas de educação continuada, especialmente no formato de cursos, eventos científicos e boards de discussão. Essa demanda, aliada à disposição de muitos auditores em se engajar nessas atividades quando convidados, aponta para um campo fértil de aproximação e parceria.

Sigilo e confidencialidade das informações

Todos os dados coletados durante essa pesquisa foram tratados com confidencialidade e segurança, conforme nossa Política de Privacidade disponível em <https://jbas.com.br/declaracao-de-privacidade/>. A participação dos auditores foi voluntária e eles concordaram de forma livre, informada e inequívoca com o tratamento dos dados pessoais apenas para os fins desse trabalho.